Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 108 | Julho de 1976 | Ano XII

As Eleições e as Contradições Políticas

NESTE NÚMERO

....
....
.....
...
.

É indisfarçável a profundidade da crise em que vive o país. Aumentaram a dívida externa e a dependência ao imperialismo; cresceram a inflação, o custo de vida e o desemprego; vigoram salários de fome para os operários e expande-se a miséria entre os camponeses e os trabalhadores agrícolas; são alarmantes os índices de mortalidade infantil, de menores abandonados, de analfabetismo e de doenças carenciais e infecto contagiosas; além disso, persistem o clima de repressão e o impasse político, porque os generais no Poder não querem abrir mão da tutela sobre a nação, privada em sua maioria de quaisquer direitos.

As medidas econômico-financeiras tomadas ultimamente pelo governo e o corre-corre do ditador e de seus ministros ao exterior e a diferentes pontos do território nacional servem para confirmar a gravidade dos problemas existentes. Não obstante, constituem providências extremamente superficiais, novos expedientes, meros tapa-buracos. Longe de resolver a crise, simplesmente a prolongam e tendem a agravá-la.

Os porta-vozes do regime militar insistem em dizer que são dificuldades passageiras, oriundas da importação da crise externa, dos países desenvolvidos, que estão a braços com a inflação e outros desajustes temporários do capitalismo. Mas isso é uma balela. A piora das condições econômicas, sociais e políticas de nosso país decorre fundamentalmente do fracasso da política inaugurada e aplicada pelos generais, reflete a natureza do regime implantado em abril de 1964, é fruto do modelo atualmente em vigor. Tanto assim, que o povo brasileiro, patriota, inteligente e sensível na defesa de seus interesses, jamais aprovou esse regime e seu modelo econômico. Desde o primeiro instante não os aceitou e a eles vem-se opondo tenazmente. Na realidade, a insatisfação e o descontentamento recrudesciam na medida em que o povo comprovava os propósitos entreguistas e fascistas dos sucessivos governos militares. As massas populares e as forças democráticas manifestaram de tal forma seu sentimento antiditatorial que não restou nenhuma margem de dúvida para todos os homens honestos. Nas eleições de 15 de novembro de 1974, já sob o governo de Geisel, foi contundente a derrota infligida às pretensões do ditador e seus sustentáculos, de consolidar e institucionalizar a violência fascista no país. Cansada da ditadura, a grande maioria dos brasileiros só não conseguiu livrar-se dela porque sua unidade não atingiu o nível indispensável para contrapor sua força, apoiada nas armas, à força e às armas dos generais no Poder.

Na base do agravamento dessa crise e do antagonismo entre o povo e o regime militar, é que se vêm acirrando as divergências entre as diferentes camarilhas que pululam no Sistema imperante. Con-

quanto se tivessem apresentado com aspecto mais de forma que de fundo, não encerrando contradições antagônicas e sim de métodos para levar adiante a política de engodo e repressão contra o povo, essas divergências sempre existiram e jogaram determinado papel. Tal aconteceu por ocasião da substituição de Castelo Branco, Costa e Silva e Garrastazu Médici. Agora, porém, ressurgem mais fortes. E servem de prova das enormes dificuldades em que se debatem os generais para continuar governando da mesma forma que antes. Essas dificuldades estão mesmo aumentando, em face do desenvolvimento em ampla escala da resistência popular. No momento, as referidas divergências se dão principalmente entre a camarilha de Geisel e a de Médici. Este, embora na sombra há algum tempo, jamais abandonou seus sonhos de voltar às antigas posições de mando. Ultimamente, revelou de público que estava mais ou menos articulado com outros comparsas e mantinha ambições políticas. Os artigos do almirante Macedo Soares na grande imprensa, criticando e advertindo Geisel, em particular o artigo "Temos Pressa", no qual chegou a formular uma plataforma anti-Geisel, levam água ao moinho desse grupo. Em seguida, o discurso do próprio Médici, em Viçosa, atacando o liberalismo e apresentando toda uma orientação de cunho fascista dá o sentido do que pretende. Os jornais comentaram não ser segredo que o objetivo de Médici e seu grupo é a sucessão presidencial. Por isso, desde já, pressionam Geisel contra qualquer "liberalização", para que não se envolva na campanha eleitoral municipal nem comprometa as Forças Armadas numa eventual ou quase certa derrota da ARENA. Em suma, que persista nos mesmos rumos traçados e seguidos por Médici, quando "presidente". De sua parte, o atual ditador não abandonou os planos e propósitos com os quais conseguiu agrupar forças para substituir seu antecessor, ou seja, institucionalizar o regime fascista, criar uma "democracia para as pessoas responsáveis", mais precisamente, a minoria de espoliadores do povo e do país. Após a derrota nas eleições de 1974 e como resultado das poderosas pressões que sofreu de seus apaniguados da cupula do Sistema, Geisel teve de contra-marchar, aceitar o "protocolo dos generais", fazer concessões, a fim de conservar suas posições e "autoridade". Aproveitando o repúdio geral aos assassinatos e torturas praticados contra presos políticos, procurou de pronto ver-se livre de um dos seus mais facinorosos adversários, o general Ednardo d'Avila, do II Exército, em São Paulo. A seguir, buscou fortalecer seu dispositivo militar, obter o apoio norte-americano com a assinatura dos "contratos de risco", ao mesmo tempo em que tentava posar de humanista, infenso às torturas e interessado em pôr cobro aos desmandos que vinham ocorrendo nos quartéis, quando na verdade apenas mudava de tática. Enfim, tratou de formular uma nova linha de ação para enfrentar os adversários e consolidar seu poder.

Orientando-se por essa nova linha e tendo em vista reformular o fracassado modelo do regime, Geisel lançou-se aberta e pessoalmente na campanha para as próximas eleições municipais de 15 de novembro. A princípio, tentou conferir-lhe caráter plebiscitário em relação ao regime e a seu governo. Em sua arrancada, cassou os mandatos dos deputados oposicionistas mais combativos, classificou o MDB de "inimigo", fez ameaças e mandou Falcão elaborar e a maioria arenista aprovar a lei-rolha da propaganda eleitoral no rádio e na televisão. Mas, encontrando críticas e advertências contra essa atitude nas próprias áreas militares, viu-se obrigado a frear um pouco seus ímpetos e também a realizar novas manobras, sobretudo em relação ao MDB, ao qual tenta agora aliciar para "entendimentos em alto nível", alegando como sempre que a derrota de sua política (dele, Geisel), pode redundar no pior, isto é, no retorno da linha dura militar e da onda repressiva.

As próximas eleições municipais tornaram-se, assim, o centro de convergência de agudas contradições políticas. De um lado, coloca-se o grupo de Geisel, interessado, quando nada, em obter o chamado consenso para seu governo, ou melhor, para o regime e seus objetivos de institucionalizar o fascismo. De outro, alinham-se grupos como o de Médici, que procuram conquistar maior apoio nas Forças Armadas planejando seu retorno ao Poder, minimizam o valor das eleições, temem desgastes do Sistema com a participação direta do governo na campanha e se preparam para, a qualquer momento, criar uma situação tal que facilite seus objetivos fascistas.

Nessas condições, fica evidente que as forças democráticas e populares não podem desinteressar-se do próximo pleito. Embora devam ter presente, com mais clareza ainda, que as eleições sob o regime militar, sofrendo cada vez maiores restrições como a lei Falcão e achando-se constantemente ameaçadas de suspensão, não passam de uma farsa, é preciso analisá-las concretamente e saber utilizá-las no interesse da luta pela unidade das massas, contra a ditadura e pela liberdade.

Tendo em conta que a situação pode-se agravar e que o povo busca novas formas para

CONTINUA NA PAGINA 4

55º ANIVERSÁRIO DO PC DA CHINA

(Mensagem enviada pelo Comitê Central do Partido Comunista do Brasil ao CC do Partido Comunista da China)

Ao camarada Mao Tsetung
Ao Comitê Central do Partido Comunista da China

Prezados camaradas

No transcurso do 55º aniversário da fundação do glorioso Partido Comunista da China, nós, os comunistas brasileiros, vos saudamos efusiva e fraternalmente. Essa é uma data que enche de júbilo o movimento operário e comunista mundial.

Quando, a 1º de julho de 1921, os delegados dos pouquíssimos e pequenos círculos marxistas-leninistas existentes em vosso país se reuniram em Congresso para criar o destacamento político de vanguarda do proletariado revolucionário, inaugurava-se um novo capítulo na história milenar chinesa. Finalmente, haviam sido encontradas a teoria e a organização tão ansiosamente buscadas, capazes de unificar a nação e livrá-la de seus multisseculares exploradores e opressores, de alcançar a verdadeira independência nacional, a nova democracia e o socialismo, de conquistar o bem-estar e a felicidade para as massas trabalhadoras.

Desde então, o diminuto contingente de comunistas chineses cresceu, temperou-se e amadureceu até converter-se na grande força atual de quase três dezenas de milhões de membros. Foi uma trajetória difícil mas brilhante, cheia de vicissitudes, de sacrifícios sem conta, de ingentes lutas, assinalada por admiráveis provas de heroísmo e vitórias memoráveis. O Partido Comunista da China teve de travar sucessivas e prolongadas guerras revolucionárias nas quais venceu inimigos tão ferozes como a reação do Kuomintang e os imperialistas japoneses e norte-americanos. Também combateu sem tréguas, dentro de suas próprias fileiras, inimigos tão pérfidos e insidiosos como os trotsquistas e outros agentes da burguesia. Na atualidade, desmascara os revisionistas contemporâneos e os agentes do social-imperialismo soviético que tudo fizeram e fazem com o intuito de desviar os comunistas de sua rota proletária. Para cumprir com êxito suas históricas tarefas, os comunistas chineses tiveram de aprender a combinar de modo vivo a verdade universal do marxismo-leninismo com a prática da revolução em seu país, a elaborar uma justa linha política, a se ligar estreitamente com as grandes massas e a uní-las em frente-única, a adotar estilo e métodos revolucionários, sobretudo o da crítica e da autocrítica, a fim de corrigir os próprios erros e reforçar a unidade interna. A partir do momento em que sua direção central passou a contar com a sábia e firme liderança do camarada Mao Tsetung e a orientar-se pelo pensamento deste grande marxista-leninista, o Partido Comunista foi capaz de conduzir o povo chinês à vitória completa na revolução nacional e democrática, de fazer triunfante a revolução socialista e, marchando sempre adiante, promover a Grande Revolução Cultural Proletária, com o objetivo de manter bem alto a bandeira vermelha do socialismo contra todas as tentativas de restauração do capitalismo.

Ao celebrar cinquenta e cinco anos, o Partido Comunista da China, encabeçado pelo camarada Mao Tsetung, é o destacamento de maior experiência do movimento comunista internacional, exemplo de fidelidade ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, adversário irreconciliável do revisionismo contemporâneo, tenaz propugnador da unidade dos povos contra o colonialismo, o imperialismo e o hegemonismo das duas superpotências, destemeroso defensor da causa da revolução, da democracia e do socialismo. A história do Partido Comunista da China e o papel por ele desempenhado são a comprovação viva de que, na era do capitalismo e do imperialismo, o desenvolvimento e o sucesso da luta revolucionária da classe operária e dos povos oprimidos dependem da existência e do fortalecimento do partido marxista-leninista do proleta -

CONTINUA NA PÁGINA 4

Continuação da página 3

riado.

O Partido Comunista do Brasil, que se orgulha de ser irmão de ideal e de combate dos comunistas chineses, vos augura novas e maiores vitórias na luta pela consolidação da ditadura do proletariado e pela construção do socialismo na China e faz votos de que a nossa amizade militante seja cada vez mais sólida e indestrutível.

Rio de Janeiro, julho de 1976

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

AS ELEIÇÕES E AS CONTRADIÇÕES POLÍTICAS

(Continuação da página 2)

elevar o nível de sua resistência, é essencial não só reclamar o direito de votar como transformar a votação do dia 15 de novembro vindouro numa manifestação maciça de repulsa ao regime dos generais fascistas. Sem alimentar nenhuma ilusão sobre o pleito, ou de que venha a se constituir numa conquista - pois são os militares que possuem as verdadeiras armas e, portanto, os senhores do Poder - cumpre aproveitar a campanha eleitoral, na medida do possível, para debater os problemas nacionais candentes, denunciar o entreguismo e a política de fome e tudo envidar no sentido de que os eleitores concentrem seu protesto contra a ditadura. O eleitorado das cidades e do campo deve demonstrar mais uma vez que repudia os militares, que está cheio de sua arrogância e prepotência. Simultaneamente, é necessário levantar com vigor as reivindicações sentidas dos trabalhadores e das massas populares e elaborar programas concretos de luta em cada município a fim de unir em ação comum as diversas correntes de oposição no embate pela democracia, em especial pela anistia, pela abolição de todos os atos e leis de exceção e pela convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita.

"A ditadura não cairá facilmente, nem permitirá o crescimento tranquilo da oposição. Embora no Brasil haja correntes ponderáveis que ainda acreditam ser possível obter a derrubada do atual sistema por meio unicamente da pressão de massas - correntes com as quais se deve trabalhar em frente-única nas distintas esferas de ação - não há dúvida que essa meta só será atingida com o emprego de vigorosas lutas, nas cidades e no campo, principalmente com a utilização da luta armada. A pressão de massas, quando muito, obrigaria os militares a fazer modificações superficiais no regime. As ações limitadas, de diferentes tipos, têm enorme importância para ajudar a mobilização popular e o isolamento dos generais, não devem ser subestimadas. Inclusive as de natureza mais elementar, nas condições de terror em que vive o país, jogam determinado papel. Mas não se quebrará a resistência do fascismo, estribado nas Forças Armadas, sem recorrer à violência revolucionária."

Do artigo "CONQUISTAR A LIBERDADE POLÍTICA, ALCANÇAR UMA DEMOCRACIA POPULAR"

PTA - Autêntica Vanguarda Revolucionária

O Partido do Trabalho da Albânia comemora este ano o 35º aniversário de fundação. Sua resplandescente trajetória de três e meia décadas assinala magníficas vitórias alcançadas em duros embates, enfrentando poderosos inimigos. Através de mil batalhas contra adversários internos e externos, armados ou não-armados, abertos ou camuflados abriu caminhos novos que levaram o povo albanês ao socialismo e consolidaram a ditadura do proletariado. Pelo destemor na luta e clarividência de seus dirigentes, com Enver Hodja à frente - grande e provado marxista-leninista - conquistou a admiração e o respeito de todos os que almejam e se batem pela revolução. O PTA tornou-se modelo e exemplo para os revolucionários do mundo inteiro.

A construção do socialismo na Albânia é tarefa ciclópica. País pequeno, que viveu séculos sob ocupação estrangeira, onde ainda há duas décadas as mulheres cobriam o rosto com véus, cobiçado pelos imperialistas e ameaçado por vizinhos inflados de pretensões anexionistas, nele, a edificação de uma nova sociedade, erigida fundamentalmente com apoio nas próprias forças, é obra de difícil execução. Sua história mais recente está sendo escrita, página por página, pelo heroísmo de seus filhos devotados à causa da independência, da liberdade, do socialismo. Imensos têm sido os contratempos. Ameaças bélicas dos monarco-fascistas gregos, insuflados pelos monopolistas ingleses e norte-americanos; insidiosas tentativas dos titoistas iuguslavos de liquidar a independência do país; furiosa investida dos revisionistas soviéticos buscando subjugar a Albânia e transformá-la em satélite de Moscou - são marcos dos graves perigos por que passou (e superou) a gloriosa nação do Adriático. Hoje, intensifica-se o cerco imperialista e social-imperialista, acompanhado de pressões econômicas, políticas e militares, de provocações armadas e de feroz propaganda antialbanesa. Mas o povo da Albânia não capitula nem cai na armadilha de fazer concessões aos piores inimigos sob a alegação de defender suas conquistas. Sabe que somente a unidade em torno do Partido do Trabalho e de seu Comitê Central, a vigilância e a decisão inquebrantável de combater, se for atacada, a par do apoio das forças progressistas de todo o mundo, podem garantir-lhe a segurança, a integridade do território, a existência do seu avançado sistema social.

Mas não são apenas a firmeza na luta, o espírito de decisão e o esforço empreendedor os traços marcantes da construção do socialismo na Albânia. É também a audácia no terreno das idéias, a aplicação criadora do marxismo-leninismo. O Partido do Trabalho deu valiosas contribuições na caracterização e desmascaramento do revisionismo contemporâneo, desde o seu aparecimento, evitando que ele se implantasse no país e o levasse de volta ao capitalismo. Revelou-lhe o conteúdo oportunista e de traição à revolução, pesquisou cientificamente as causas que deram lugar ao seu surgimento tirando lições para fortalecer o sistema socialista e o movimento revolucionário da classe operária. Essas lições mostram, entre outras coisas, que as brechas por onde se infiltrava o revisionismo estavam em certos desajustes no funcionamento do regime, na pressão exercida pelas forças reacionárias, no burocratismo e no liberalismo. Paralelamente à luta ideológica, intensa e esclarecedora, o PTA cuidou de estudar e formular políticas e normas capazes de obstruir essas brechas.

A etapa de transição do capitalismo ao socialismo, toda ela efetuada sob a ditadura do proletariado, apresenta múltiplos e complexos problemas. Cada passo empreendido deve deixar ainda mais para trás os resquícios do capitalismo e aproximar, a pouco e pouco, a segunda fase da sociedade comunista que envolve o desaparecimento definitivo das classes, do direito burguês, do Estado. Impõe-se, por isso, a elaboração de normas que correspondam e se ajustem ao avanço ininterrupto da sociedade de maneira a impulsioná-la para diante e que permitam, ao mesmo tempo, desenvolver os elementos do comunismo, embora tal meta provavelmente só venha a ser atingida com a derrocada geral do sistema imperialista.

Com esse objetivo, o Partido do Trabalho da Albânia, neste ano do seu 35º aniversário, oferece três importantes contribuições, intrinsecamente relacionadas com a construção do socialismo e fadadas a alcançar grande repercussão. A primeira diz respeito ao controle operário-camponês instituído como norma permanente da superestrutura albanesa. Esse controle, exercido organizadamente por grupos de operários e de trabalhadores

lhadores do campo, sem partido, eleitos nos locais de trabalho, destina-se a inspecionar as distintas instituições estatais e as empresas para examinar detidamente a execução da orientação traçada e o bom funcionamento das mesmas, controle extensivo também ao Partido. Os grupos assimilam a linha e as diretivas do PTA e reforçam seus conhecimento das leis da República a fim de verificar se não ocorrem distorções ou violações. Além d fiscalizar e indicar medidas para corrigir erros ou deficiências, controlam sua aplicaçã Têm autoridade para propor o afastamento de quaisquer funcionários ou empregados que não cumpram seus deveres. [Na União Soviética do tempo de Lênin, a inspeção operário-camponesa funcionou com excelentes resultados. O mestre imortal do proletariado ia ao ponto da considerar extremamente benéfica a depuração periódica do Partido feita com a participação das massas nas fábricas de modo a livrá-lo dos arrivistas, burocratas e oportunistas de todos os quilates.] Onde há supervisão das massas é mais difícil sucederem desvios na orientação, erros e negligências podem ser corrigidos a tempo, maus administradores ou dirigentes serão substituídos. Naturalmente, o Partido também controla. Mas o Partido não é toda a classe, representa apenas uma fração dos trabalhadores, a sua vanguarda. Quando essa tarefa passa às mãos das amplas massas, amplia-se a vigilância e se dá sério passo na senda do fortalecimento da ditadura do proletariado, pois seu cabal desempenho é da responsabilidade do conjunto da classe operária. No regime capitalista, tudo está organizado e controlado pelos ricos, pelos trustes, pelas oligarquias financeiras através de poderosa máquina escravizadora. [Nenhum gerente, capataz, funcionário ou produtor escapa da severa fiscalização implantada para extrair lucros. A corrupção de certos setores faz parte desse sistema.] Já no socialismo, desaparece o patrão, os trustes, a máquina de exploração. Os donos do país, de todos os seus recursos, de todas as suas riquezas, dos bens de produção, do resultado global do trabalho social são as classes que produzem e os que contribuem para o êxito da produção. Nem por isso o controle é dispensável. A fim de que a nova sociedade se livre completamente de antigos vícios e preconceitos, das concepções individualistas, e extirpe inteiramente a fonte de onde emana o burocratismo, fazem-se indispensáveis o controle, assim como a efetivação da disciplina no trabalho. Qualquer que seja o posto que ocupem, os que trabalham são servidores da nação socialista, em cujos fundamentos estão os operários e os camponeses. Todos têm de prestar contas de suas atividades. Igualmente o Partido, força dirigente do Estado, informa amplamente o povo sobre seu constante labor. Instituindo o controle operário-camponês, o PTA reforça a ditadura do proletariado [e possibilita a educação socialista das grandes massas no sentido de dominar a arte de dirigir o Estado e os negócios da coletividade, fator importante para robustecer o atual sistema e preparar o advento da sociedade futura.]

Outra medida de enorme alcance adotada pelo governo da Albânia, sob a liderança do PTA, refere-se à política de regularização dos salários. Recentemente, foram reduzidos os mais elevados e melhorou-se a situação dos de níveis inferiores, propiciando-se às massas laboriosas vantagens de cunho assistencial. Na atualidade, os salários mais altos na Albânia são apenas três e meia vezes superiores aos comuns, desigualdade que tende a reduzir-se, seja pela diminuição dos mais elevados, seja pelo aumento progressivo dos mais baixos. Pretende-se, gradativamente, ir encurtando as diferenças essenciais entre o trabalho físico e o intelectual, entre a cidade e o campo, e no campo, entre as regiões de planície e as de montanha. O alcance dessa medida relaciona-se com a consolidação da ditadura do proletariado e com a marcha para a completa construção do socialismo. Na verdade, não se pode afirmar, como se fez no passado, que um país tenha realizado a completa edificação socialista se subsistem acentuadas diferenças salariais. Na União Soviética, por exemplo, em meados da década de 50, as diferenças entre o nível mais alto e o comum das remunerações chegava a ser de 20 a 30 vezes. Admitir tal incongruência seria considerar a construção do socialismo como apenas o acelerado desenvolvimento de suas forças produtivas quando, na realidade, implica essencialmente a solução de problemas sociais. Sem dúvida, essa construção pressupõe a criação da base técnico-material sem a qual é impossível assegurar o progresso social. Mas a criação de tal base deve ser acompanhada de contínuas mudanças corretivas nas relações de produção de maneira a garantir uma distribuição sempre mais equitativa da renda nacional. Se as diferenças essenciais entre o trabalho físico e o intelectual e entre a cidade e o campo não forem sendo eliminadas, gradual e persistentemente, é duvidoso dizer que se avançou efetivamente na edificação da nova sociedade. Porque se mantêm os fatores que estimulam e pressionam no sentido da volta ao capitalismo sob modelo aparentemente socialista. Forma-se toda uma camada que goza de privilégios nas retribuições em relação ao grosso dos trabalhadores, que usufrui vantagens devido à função que exerce na admi-

nistração e nos negócios públicos. Já Engels assinalava que "a lei da divisão do trabalho serve de base à divisão da sociedade em classes". Justamente a camada de privilegiados, de alta remuneração, após a morte de Stálin e quase quarenta anos de socialismo, apossou-se sorrateiramente do Partido e do Poder, abandonou a meta socialista e tratou de arranjar meios e formas, dentro e fora do país, para melhorar sua situação a custa da exploração do trabalho alheio. Evoluiu para o social-imperialismo, tornou-se uma corrente contra-revolucionária. Ao adotar a política de regularização dos salários, o PTA procura impedir que se forme e ganhe força a camada de privilegiados que é a base do surgimento das tendências favoráveis ao retorno capitalista. [Ainda que o Produto Interno Bruto não seja suficientemente elevado, a distribuição dos resultados alcançados vai-se fazendo de modo adequado e conforme os interesses da consolidação do sistema socialista. Essa medida, por sua vez, ganha amplo apoio das massas produtoras, nas quais é profundo o sentimento de justiça social, massas que constituem o elemento mais dinâmico e consequente da batalha para liquidar em definitivo a exploração do homem pelo homem, para forjar a sociedade sem classes nem privilégios de qualquer natureza.]

A terceira grande contribuição proporcionada pelo PTA é o projeto de nova Constituição em debate no país, que passará a denominar-se República Popular Socialista da Albânia. Apresentado com o objetivo de dotá-la de uma Carta Magna para a etapa da completa construção do socialismo, baseia-se nos princípios do marxismo-leninismo, nos ensinamentos de Enver Hodja. Esse projeto, que consagra conquistas já obtidas e estabelece caminhos, no plano da superestrutura, com vistas ao rumo futuro do socialismo, tem enorme importância política. Quando os revisionistas renegam os princípios básicos da organização estatal da ditadura do proletariado, e os escribas da reação tratam de atacar esses princípios chamando-os de totalitários e anti-humanos, a apresentação do projeto de Constituição albanesa é uma resposta incisiva aos traidores e aos serviçais dos trustes e monopólios. Aí se define com precisão a estrutura do Estado, tendo por base a concepção de que o Poder emana do povo e a ele pertence. Seus fundamentos são a classe operária e os camponeses, sendo o Partido do Trabalho da Albânia a força dirigente. O projeto proclama os direitos democráticos das massas trabalhadoras e assegura as condições ao seu pleno exercício, demonstrando que a democracia socialista é inseparável da ditadura do proletariado. Enquanto nas nações dominadas pelo capitalismo impera um regime de terror contra o povo e nos países revisionistas aplicam-se infames métodos de repressão, a Albânia declara em sua Lei Maior que os trabalhadores gozam de efetiva liberdade e dispõem de meios para desfrutá-la. Em contraposição aos países onde predomina o revisionismo, a começar pela União Soviética, que não dispensam a "cooperação" do capital estrangeiro, e aos subdesenvolvidos, como o Brasil, que dependem fundamentalmente desse capital sedento de arrancar mais-valia dos trabalhadores, a Constituição albanesa afirma taxativamente que os recursos naturais e as matérias-primas do país não podem ser objeto de exploração de empresas alienígenas e que não são aceitos créditos fornecidos pelos monopólios, cortando, assim, as possibilidades de penetração dos trustes imperialistas ou social-imperialistas em sua economia. No que se refere à defesa nacional, o projeto acentua que essa tarefa incumbe ao povo em armas - todo cidadão é um soldado e todo soldado um cidadão. Desde há muito, a Albânia liquidou a casta militar e transformou o exército tradicional em exército do povo armado, medida sábia, pois um Estado Socialista no qual as armas são confiadas unicamente às Forças Regulares foge às suas origens populares está sujeito a deformações perigosas. Segundo a Constituição, é proibida a instalação de bases militares ou a permanência de tropas estrangeiras em solo albanês. A Carta Constitucional ratifica o princípio básico da política externa da Albânia: o internacionalismo proletário, o apoio a todos os povos que lutam por sua libertação e assevera que seu território jamais será utilizado como praça de guerra para atacar outras nações. Documento simples, acessível às grandes massas, a nova Constituição está chamada a desempenhar importante papel não só na Albânia como também internacionalmente. Ajudará à propaganda revolucionária entre os explorados e oprimidos, elucidará a natureza do autêntico Estado de ditadura do proletariado. A reação tudo faz visando a silenciar sua repercussão. As correntes progressistas têm o dever de divulgar esse magnífico documento que faz ressaltar contrastes chocantes: ao passo que na Albânia as liberdades e os direitos do povo se afirmam e consolidam, nos países capitalistas e revisionistas intensificam-se a repressão e o fascismo; enquanto na pequena nação balcânica o povo é senhor de seu destino, no mundo do capital, em suas diferentes modalidades, os amos são os trustes, os burocratas, os generais. As massas vivem escravizadas.

Comemora, assim, brilhantemente, o Partido do Trabalho da Albânia a data de sua fundação. Erguendo com altivez a bandeira do marxismo-leninismo, da revolução e do

Continua na página 12

Luís Medeiros

Enquanto o governo dos generais está sendo desmascarado como terrorista, frente ao povo brasileiro e aos povos do mundo, vão-se apurando, no processo cruento da luta pela derrubada desse regime infame, as mais elevadas qualidades morais dos militantes antifascistas. Face às exigências cada vez maiores do áspero confronto, as respostas não se fazem esperar e os exemplos de resolução, desprendimento, espírito superior, dignidade e bravura alinham-se uns após outros. A enumeração e a divulgação desses exemplos contribui para a correta educação dos combatentes, além de ser um dever de justiça que se impõe.

Luís Medeiros de Oliveira, nordestino do Rio Grande do Norte, filho de pais pobres, cursava o último ano de Engenharia da Universidade Federal de Pernambuco, em 1968. Tendo sido dos melhores alunos da Faculdade, nos cinco anos do curso, o diploma de engenheiro abria-lhe a perspectiva de um bom emprego, de melhoria de vida e de relativa ascensão social. Não obstante, o jovem Luís Medeiros, a pouco mais de sessenta dias da conclusão de seu curso, decide abandoná-lo a fim de dedicar-se inteiramente à luta dos camponeses pobres e dos assalariados agrícolas da Zona da Mata de Pernambuco.

No município do Cabo, por essa época, os trabalhadores rurais, premidos pela política de arrocho da ditadura, organizavam importante greve por aumento de salários que eclodiria em seguida. Luís Medeiros foi morar em um engenho de açucar desse município, empregando-se como cortador de cana, procurando ajudar na preparação da luta. Sua firme vontade de integrar-se realmente com os camponeses, aliada a seus hábitos simples e tipo físico, permitiu-lhe, em tempo rápido, conquistar a confiança das massas. Além de categorizar-se como trabalhador sério, capaz de desempenho igual ao da média local, chegou a uma posição de destaque entre os principais preparadores da greve. Organizou, no estabelecimento em que trabalhava, diversos pequenos movimentos por melhorias imediatas aos trabalhadores, aproveitando-se para elevar o nível de consciência, de mobilização e de organização das massas. Percorria os engenhos das redondezas, conversando com o pessoal, sentindo seus problemas, buscando penetrar na particularidade das coisas.

A greve foi deflagrada em 7 de outubro de 1968, mobilizando mais de cinco mil trabalhadores. A sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município do Cabo converteu-se no principal centro dos acontecimentos, lugar em que funcionava o comando da greve, para onde convergiam os grevistas em busca de orientação e informações. Luís Medeiros não titubeou. Durante todo o período da paralisação - quase um mês - praticamente fixou residência na sede sindical. Desenvolveu intenso trabalho na condução do movimento, contribuindo para a sustentação das reivindicações dos grevistas e para o desmascaramento das manobras da ditadura. Esta, ante o vulto do movimento, escalou o coronel do Exército Jarbas Passarinho, na época ministro do Trabalho, para se dirigir ao Cabo. E espalhou pelas redondezas do Sindicato, pelas ruas da cidade e pelos engenhos seus agentes espiões, pagos para apontar os trabalhadores mais dispostos, os mais respeitados, os líderes do povo. Enquanto manobrava sob a batuta do coronel Passarinho, a ditadura preparava-se objetivando golpear, traiçoeiramente, aquela gente oprimida.

Terminada a greve com uma vitória parcial dos trabalhadores, Luís empregou-se em outro engenho. Aí seu trabalho político junto às massas, com a experiência adquirida, tomou grande impulso.

A atividade exigia empenho e dedicação. Às cinco horas da manhã os trabalhadores punham-se de pé, Luís com eles, preparavam a bóia, amolavam as ferramentas e seguiam rumo ao canavial de onde saíam às 15 horas para o almoço. Após a estafante jornada diária, sob o sol inclemente do Nordeste, Luís partia com destino à sua outra jornada, a política, andando normalmente de 12 a 15 quilômetros, subindo e descendo serras, às vezes embaixo de chuva, a fim de articular os camponeses, levar-lhes notícias, mensagens, esperanças... Geralmente a noite já ia alta e o relógio passava das 22 horas quando ele retornava de suas lides e se recolhia ao casebre de taipa, até a madrugada do dia seguinte.

O trabalho frutificava, as massas laboriosas e sofridas sentiam a sua utilidade, o prestígio do jovem crescia. Coisas que um regime que considera o povo como

inimigo não pode suportar.

A atividade de Luís Medeiros identificou-o aos olhos da repressão. Os generais não poderiam x tolerar o exemplo de quem abandonara galhardamente a possibilidade de um futuro acomodado para se integrar na vida e na luta dos pobres do campo. Na mente tacanha e deformada dos vendilhões da pátria, uma pessoa que trocara o dinheiro fácil e as comodidades de uma vida quieta por um destino de lutas e de riscos ao lado dos camponeses, que não se deixara seduzir pelo tecnocratismo e pelos cânticos da segurança sem política, sem ideais, sem perspectiva, enfim um jovem que recusara o vazio político que o regime brasileiro tenta impor à juventude e abraçara, resoluto, a causa da liberdade, da democracia, do socialismo, um jovem assim, para os generais fascistas era, sem dúvida alguma, grave ameaça à "segurança nacional".

Em meados de 1969, Luís Medeiros foi preso pelos chamados órgãos de segurança nacional. Ainda sob as vistas e a ira dos camponeses, torturaram-no brutalmente, pondo-o de cabeça para baixo por largo tempo, pendurado pelos pés. Enquanto era transportado para Recife continuou sendo torturado. Seus carrascos, durante o trajeto, paravam nas delegacias de algumas cidades infligindo-lhe novas sevícias.

Já em Recife, onde se localiza o quartel-general da repressão ao povo nordestino, seu tratamento seguiu a mesma linha de selvageria. Sob a orientação dos militares do IV Exército, foi covardemente torturado. Queriam forçá-lo a denunciar os companheiros de luta, a entregar os mais destacados combatentes da área. Destilando ódio, os bandidos das Forças Armadas esgotaram seus recursos bestiais na expectativa de dobrar a resistência moral daquele jovem. Tudo em vão. Da boca de Luís Medeiros não saiu uma informação. Ao final, a seus pés, como vermes malditos, exaustos de tanto torturar, ficaram aqueles monstros imbecilizados, derrotados na tentativa de atingir um objetivo muito acima de suas forças - a honra de um verdadeiro revolucionário.

Em dado momento, Luís viu-se passando por uma janela. Reuniu suas forças e arrojou-se para fora, buscando uma fuga impetuosa. Tentou erguer-se do chão, ante os olhos atônitos das pessoas que acorreram. Não o conseguiu. Fraturara a coluna vertebral.

A notícia correu pelo Recife e um clamor popular se alevantou. Os estudantes mobilizaram-se, juntaram-se ao povo e se dirigiram ao hospital onde Luís fôra recolhido, sendo impedidos de entrar pela repressão. Esta tentou obstruir até mesmo a entrada do Arcebispo D. Helder Câmara que, entretanto, forçou o bloqueio e conseguiu avistar-se com Luís. E enquanto o Arcebispo testemunhava as marcas da tortura no corpo do rapaz - unhas arrancadas, pele queimada e ensanguentada, levantou-se da rua, sentido e demorado, o coro dos populares chamando pelo nome do bravo jovem.

Os camponeses indignaram-se quando a notícia lhes chegou. Surgiu a idéia de uma vingança. As forças repressivas puseram-se em alerta. Aos camponeses faltavam, no entanto, meios concretos, organização, preparação. Problema antigo...

Luís Medeiros de Oliveira cumpriu três anos e seis meses de prisão, paralisado em um leito de hospital, sob a mira permanente de metralhadoras. A hipótese de tratamento fora do país, com possibilidade de recuperação em certa medida, foi afastada pelos "órgãos de segurança". A imagem do regime no exterior poderia ser prejudicada...

Hoje Luís Medeiros encontra-se sob os cuidados de familiares, inteiramente imobilizado em uma cama. Poucos são os movimentos a que seu corpo atende. Contudo, sua vontade permanece firme, sua atitude é completamente solidária com a luta antifascista que continua e cresce. Preocupado com as coisas da revolução, acompanha, atento, os acontecimentos.

O comportamento de Luís Medeiros serve de exemplo ao povo em geral, à juventude e, em especial, aos comunistas. É o modo correto de proceder de todo aquele que subordina seus interesses individuais aos objetivos maiores da revolução e que, se cai nas mãos do regime terrorista, defende a causa e não sua pessoa, mesmo ante as piores atrocidades físicas e morais perpetradas pelos bandidos fascistas, não compromete a luta nem a organização a que pertence, peleja por manter-se vivo, morre se preciso for, mas jamais e em nenhuma hipótese sucumbe moralmente. É na linha desses exemplos dignificantes que se vai salientando a grandeza da luta em curso no Brasil de hoje e que se vão forjando os grandes nomes do povo, seus mártires e heróis os quais, desde já, devem ser exaltados e tomados como modelo.

A Situação dos Trabalhadores na Bahia

Os trabalhadores baianos vêm demonstrando crescente descontentamento com a situação de miséria e opressão a que estão submetidos. Revelam disposição de enfrentar de maneira consequente seus exploradores e opressores, haja vista a série de movimentos empreendidos pelos operários de Salvador, nestes últimos meses. Promoveram desde abaixo-assinados até greves, pleiteando reivindicações de ordem econômica. No entanto, seu grau de organização é baixo, sua mobilização ainda tem sido bastante dispersa, debilidades em grande parte motivadas pela repressão da ditadura militar-fascista. Basta referir que a maioria das entidades sindicais acha-se dirigida por agentes da reação, muitos deles notórios funcionários da polícia. A intimidade dos corrompidos pelegos-policiais com os órgãos de segurança é conhecida por muitos trabalhadores. Daí o isolamento em que eles são mantidos pelas massas. O cinismo dessa gente vai a tal ponto que por ocasião da greve dos motoristas de ônibus, em dezembro passado, o presidente do Sindicato declarou desconhecer a "falta coletiva ao trabalho" anunciada pelos motoristas, isto é, uma greve combativa, que ganhou a simpatia popular.

FOME E ESCRAVIDÃO

São cada dia mais numerosas as denúncias das condições de privação e de amordaçamento em que se encontram os trabalhadores. Por exemplo, os marítimos denunciaram, no início deste ano, pela imprensa legal, que "trabalham em regime de escravidão em empresas americanas que empreitam serviços à Petrobrás". E acrescentaram: "Os estrangeiros tratam desumanamente os brasileiros a bordo dos rebocadores, chegando ao ponto de escarrar na cara deles". Houve o caso da morte de um marítimo ocasionada pela recusa do "gringo" em prestar-lhe assistência. Na Dow Chemical, truste norte-americano, um ex-empregado declarou existirem celas privadas nas instalações da empresa, situada no Centro Industrial de Aratu, onde são maltratados os operários. O ambiente na fábrica é semelhante ao de um quartel. Por toda parte, a ditadura organiza serviços de segurança e corpos policiais com a finalidade de reprimir os trabalhadores que reclamam.

Ao lado disso, os salários ficam relativamente mais reduzidos diante da elevação desenfreada do custo de vida. Recentemente, um jornal diário de Salvador noticiou o desabafo de um operário diante da carestia: "Daqui a alguns dias a gente vai ter é que roubar ou passar o calote nos outros porque ninguém aguenta ver os filhos passando fome". Em consequência do arrocho salarial e dos preços altos, os trabalhadores têm de recorrer à prorrogação da jornada de trabalho para ganhar mais um pouco. Isto já se tornou rotina, liquidando uma das maiores conquistas da classe operária - a jornada de 8 horas. Quer dizer, os trabalhadores são coagidos a fazer horas-extras por causa da política de fome e repressão dos generais. Assim, em muitas categorias profissionais, é comum a prática de jornadas de 12, 14 e até 16 horas. Os dias de descanso são frequentemente "vendidos". No caso dos motoristas de ônibus de Salvador, já se denunciou a jornada de até 20 horas. Dessa forma, os patrões é que saem lucrando, pois é muito mais barato pagar horas extras (quando pagam) do que contratar novos empregados com maiores salários.

Como sequela do desgaste físico e mental do trabalhador aparece o espantoso aumento dos acidentes do trabalho, além das "doenças profissionais". Esta situação é agravada pela recusa dos empregadores em adquirir equipamentos que protejam o trabalhador. Mas apesar do impacto causado pelo número de acidentes fatais que ocorrem diariamente, os patrões e os representantes da ditadura dificultam o quanto podem sua divulgação e se esforçam por jogar a culpa dos mesmos na "displicência do operário". Entretanto, os depoimentos das vítimas, quando ouvidas pela imprensa, não deixam margem a dúvidas de que é a ganância dos patrões a responsável principal pelo crescimento dos acidentes no trabalho.

Enfim, para se ter uma idéia da calamitosa situação social das massas trabalhadoras, é preciso verificar os indicadores da tuberculose, da mortalidade por enfermidades relacionadas com a subnutrição e a fome que grassam pelos bairros pobres e nas casas dos trabalhadores. Quanto à tuberculose, segundo dados da Secretaria de Saúde da Bahia, 15% dos habitantes de Salvador são possíveis portadores da doença. Em 1974, o índice de mortalidade provocada por essa doença foi de 52% no total. E a mortalidade infantil, em 1975, atingiu o alarmante índice de 122,3 mortos por mil nascimentos.

CONTINUA NA PAGINA 11

Continuação da página 10

OS TRABALHADORES COMEÇAM A LUTAR

Não por acaso, a greve dos motoristas de ônibus, realizada em fins de 1975, demonstrou grande combatividade. Os trabalhadores conseguiram articular seu movimento a despeito da atitude policialesca do presidente do Sindicato e de a polícia ter ocupado as garagens e os pontos terminais das linhas dos coletivos. A greve durou apenas um dia e abrangeu cerca da metade dos motoristas em atividade. Seu objetivo era obter 100% de aumento, pois os trabalhadores não queriam os 60% que lhes ofereciam, por insuficientes. Também reclamavam contra a excessiva duração da jornada de trabalho e as condições precárias em que a mesma era efetuada. Todavia, a reivindicação de 100% não foi alcançada.

A greve, porém, serviu para que os motoristas pudessem ver na prática qual o tratamento que lhes dispensam os patrões e a ditadura - "para conversar com operário - dizemos a polícia". Com efeito, toda a Polícia Militar ficou de prontidão. Os motoristas foram imediatamente intimados a depor na Secretaria de Segurança e na Polícia Federal. E comprovaram que o presidente do Sindicato é um miserável "dedo-duro", colaborador servil dos aparelhos repressivos. Aprenderam, pois, que se devem unir mais firmemente e lutar contra a repressão policial, pela liberdade.

Outro movimento interessante e que deixou ensinamentos foi o promovido pelos bancários que queriam participar das eleições de seu Sindicato e recuperá-lo em benefício dos associados. Por ser a chapa de oposição composta de bancários vinculados com a categoria e reconhecidamente honestos, foi cassada pela Delegacia Regional do Trabalho. Essa medida efetivou-se em consequência de uma simples comunicação telefônica dos órgãos de segurança à referida Delegacia, vetando os nomes dos candidatos da oposição. Não estava justificada nem fundamentada em nenhuma lei. Apesar disto, o mandato de segurança impetrado perante a Justiça Federal foi julgado "improcedente". Quer isto dizer que o chamado Poder Judiciário referenda as arbitrariedades da polícia e não é capaz de coibir abusos como esse. Assim, os bancários aprenderam também a lição.

Ultimamente tem havido constantes reclamações dos trabalhadores das mais diversas categorias principalmente contra os irrisórios aumentos de salários impostos pela ditadura. Também há protestos pelas péssimas condições de trabalho, jornadas excessivamente longas, o não cumprimento das leis trabalhistas, contra a exploração desenfreada de que são vítimas, a carestia, etc.

A Associação dos Servidores Municipais solicitou em janeiro deste ano ao Prefeito de Salvador um aumento de pelo menos 25%, salientando que os salários atuais "não são suficientes nem mesmo para comprar alimentos". Os bancários protestaram contra o ridículo reajuste salarial, na base de 36%, acusando a diretoria do Sindicato de fazer o jogo dos banqueiros e da ditadura.

Outra categoria inconformada com sua situação e queixando-se constantemente dos abusivos aumentos do preço da gasolina, é a dos motoristas de taxis. Denunciam sobretudo a falta de segurança em que trabalham. Em outubro do ano passado, eles realizaram o enterro simbólico de um companheiro assassinado por delinquentes - uma passeata com cerca de quatro mil participantes e mil taxis - protestando contra a insegurança de suas atividades e queixando-se das crescentes dificuldades.

Esse é um rápido quadro da exploração e da opressão em que vive a massa trabalhadora baiana, assim como do nível de seu descontentamento. Como essa situação tende a agravar-se, será inevitável que o movimento operário busque encontrar novas formas de agir e de se organizar para enfrentar seus exploradores e o regime militar que asfixia todo o povo brasileiro.

RÁDIO TIRANA -	Das 20 às 21 horas Das 22 às 23 horas	Ondas de 31 e 42 metros
RÁDIO PEQUIM -	Das 19 às 20 horas Das 21 às 22 horas	Ondas de 19, 25 e 42 metros

Liberdade para Mário Echenic

Desde que se verificou o golpe militar na Argentina, os generais desataram, ao lado da repressão feroz contra o povo irmão, intensa perseguição aos asilados políticos, sobretudo uruguaios, chilenos e bolivianos. Sequestros, assassinatos, ameaças de morte, prisões, entrega de prisioneiros aos governos fascistas das nações vizinhas têm sido a norma de conduta dos militares platinos. Já antes, o governo de Isabel Perón, e mesmo o de Perón, primavam pela aversão aos democratas que buscavam refúgio em seu país.

Entre os que se encontram há vários meses nos cárceres de Buenos Aires está o jovem Mário Echenic, secretário-geral do Partido Comunista Revolucionário do Uruguai. Sem nenhuma justificativa, arbitrariamente, foi detido e submetido a bárbaras torturas. Echenic nunca negou sua condição de comunista e dirigente do Partido marxista-leninista. Tampouco silenciou sua posição política de adversário consequente do regime implantado pelos militares em sua Pátria. Estes fatos não podiam servir de pretexto à violência a que o sujeitaram, pois constituem direitos reconhecidos internacionalmente. Mas o governo argentino age de comum acordo com seus parceiros do Uruguai e por isso investe raivoso contra os que não rezam pela cartilha da reação oligárquica e do imperialismo ianque. Pretende, assim, impedir que as forças progressistas uruguaias, entre as quais se destaca o autêntico partido do proletariado, coordenem seus esforços tendo em vista mobilizar a solidariedade e o apoio à luta democrática com o objetivo de derrubar a ditadura que, há alguns anos, infelicita a pequena nação sul-americana.

O Partido Comunista Revolucionário do Uruguai surgiu como resultado do combate ao revisionismo contemporâneo e da necessidade de dar à classe operária uma correta orientação. Denunciou firmemente a traição oportunista da facção chefiada por Rodney Arismendi, serviçal da camarilha soviética, cujo papel nos acontecimentos que culminaram com o golpe reacionário foi dos mais abjetos. Não por acaso, os generais uruguaios, após passageira detenção, o entregaram, "são e salvo", aos seus protetores do Crêmlin.

O Partido Comunista Revolucionário, com Mário Echenic à frente, tem sido tenaz combatente contra a ditadura e defensor dos interesses vitais do proletariado e do povo. Embora seja ainda uma pequena força, duramente perseguida, representa a vanguarda dos trabalhadores e núcleo ativo em prol da frente-única nacional e democrática que se vai forjando no país fronteiriço.

Os comunistas brasileiros exprimem sua indignação e seu veemente protesto pela prisão de Mário Echenic. Juntam suas vozes às de todos os democratas e revolucionários do Continente que exigem a libertação imediata dos asilados políticos detidos na Argentina, entre eles, o secretário-geral do Partido Comunista Revolucionário do Uruguai. Mário Echenic é um valente lutador da grande causa da democracia, da independência nacional e do socialismo. Precisa ser arrancado das mãos de seus algozes com a contribuição de um amplo movimento da opinião pública continental.

P.T.A. - AUTÊNTICA VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA
(Continuação da página 7)

socialismo, imprime nos proletários e em todos os verdadeiros democratas redobrada confiança na vitória total sobre os inimigos da Humanidade progressista. Os êxitos alcançados tornam o PTA mais querido das massas e admirado pelos revolucionários de todo o mundo. Suas conquistas são patrimônio comum do movimento operário, fortalecem a grande causa da emancipação dos trabalhadores.